
TEOLOGIA, MINISTÉRIO E VOCAÇÃO PASTORAL

Emerson Mildenberg¹

RESUMO

Desde as Escrituras Sagradas, afirma-se que os que almejam a vocação pastoral, excelente obra almeja. Os vocacionados por Deus foram arregimentados pelo Todo Poderoso para servirem nas diversas frentes nos ministérios existentes no corpo de Cristo, a Igreja. Há um entendimento sobre liderança nesse tempo que recebe um lustro mais refinado, mas não menos diferente do que apresenta as Escrituras Sagradas. Por seu turno o apelo que procede da massa midiática aguça a mensagem “eu nasci para liderar e comandar” tem ocupado um espaço expressivo nos corações daqueles que foram chamados para servir. É patente que se precisa e também é digno de deferência o ofício e a incumbência da liderança numa instituição eclesiástica como um papel de extrema importância, mas nunca superior aos demais. Em uma instituição eclesiástica o mérito de liderar possui uma responsabilidade semelhante a outros interesses em razão do dom supremo conferido por Deus, a saber, Seu Espírito Santo, que detém o poder de transferir e de Se manifestar de diversificadas maneiras e por intermédio de várias pessoas conforme Lhe deleita. Destarte, nada tem de si mesmo quem almeja o episcopado, pois tudo é Dele, a obra e o artífice. É preciso que se diga que a Teologia Pastoral reverencia a vocação ao ministério pastoral e conseqüentemente à liderança que por sua vez gera responsabilidade e grande disciplina. Tamaña responsabilidade do vocacionado e sua atividade no que tange ao ofício ministerial suscita uma carga de incumbências as quais promovem certa “nostalgia” dos dias em que se era pastoreado por outrem. O apóstolo Paulo chama atenção à Igreja de Corinto concernente os vários elementos que possui o corpo humano e dessa realidade faz uma analogia com o corpo de Cristo (1 Coríntios 12.12 – 26) que em sinopse entende-se que todos têm funções específicas dentro desse corpo (Igreja). Deus determina o que cada um será dentro desse corpo através de Seu chamado e de Sua comunicação no que se refere as habilidades ao indivíduo para que o mesmo as use para Sua glória e para enleio dos cristãos. Responsabilidades e privilégios são extremos em uma relação com a obra do ministério. Salvação e estímulo tem seus pilares na pessoa de Cristo, cujo qual é o cabeça do corpo. Nele há o chamamento, a vocação, a direção e o preparo.

215

Palavras-chave: teologia; ministério; vocação pastoral.

ABSTRACT

From the Holy Scriptures, it is said that those who aspire to the pastoral vocation, aspire to an excellent work. Those called by God were recruited by the Almighty to serve on different fronts in the existing ministries in the body of Christ, the Church. There is an understanding of leadership at this time that receives a more refined luster, but no less different from that presented in the Holy Scriptures. In turn, the appeal that comes from the mass media sharpens the message “I was born to lead and command” has occupied an expressive space in the hearts

¹ Centro Universitário Filadélfia de Londrina - UniFil

of those called to serve. It is clear that the office and duty of leadership in an ecclesiastical institution are needed and also worthy of deference as a role of extreme importance, but never superior to the others. In an ecclesiastical institution, the merit of leading has a responsibility similar to other interests because of the supreme gift bestowed by God, namely, His Holy Spirit, who has the power to transfer and manifest Himself in different ways and through various people. as He delights. In this way, those who aim for the episcopate have nothing of themselves, for everything is His, the work and the craftsman. It must be said that Pastoral Theology reveres the vocation to pastoral ministry and consequently to leadership, which in turn generates responsibility and great discipline. Such a responsibility of the vocation and his activity with regard to the ministerial office raises a load of tasks that promote a certain “nostalgia” for the days when he was shepherded by someone else. The apostle Paul draws attention to the Church of Corinth concerning the various elements that the human body has and from this reality he makes an analogy with the body of Christ (1 Corinthians 12.12 - 26) which in synopsis understands that everyone has specific functions within this body (Church). God determines what each one will be within that body through His calling and His communication regarding the abilities to the individual for the same to use for His glory and for the ensuing of Christians. Responsibilities and privileges are extreme in relation to the work of the ministry. Salvation and encouragement have their pillars in the person of Christ, who is the head of the body. In him there is the call, the vocation, the direction and the preparation.

Keywords: theology; ministry; vocation pastoral.

TEOLOGIA PASTORAL

Longe de esgotar o conceito de Teologia Pastoral com a definição que vem a seguir, a proposta aqui é denominar tal enunciado abonando que se trata de uma ciência que tem por finalidade discutir os fundamentos bíblicos na atividade ministerial pastoral bem como as relações do ministro de Deus com sua missão que engloba igreja, família e sociedade. A Teologia Pastoral deve começar a partir de uma visão balizada nas Escrituras Sagradas focando o homem na qualidade de “ser” e de “ser-em-si-mesmo”. Temos aqui uma visão antropocêntrica, ou seja, o homem como um embaixador de Deus e o próprio alvo de Deus.

TEOLOGIA MINISTERIAL

Investigar a Teologia Ministerial torna-se apenas uma tentativa de se expressar ou alegar em um leque de percepções diversificadas em um contexto *mutatis mutandis* de avaliações e críticas operantes. A moção nesse aspecto é *en passant* do todo que demonstra um esboço do objeto em questão. Com efeito, a Teologia Ministerial deve ser vista com óculos que revelam os vários desdobramentos ministeriais manifestados na prática do chamamento à obra

de Deus. Como numa engrenagem, une-se as peças cada qual com sua função específica, de igual importância, e todas em pleno funcionamento dão vida ao Reino de Deus.

Ao homem não está disponível a capacidade de por si só suscitar um relacionamento com Deus no sentido de conhecimento. O contrário, no entanto, é verdadeiro, ou seja, o conhecimento de Deus pelo homem se manifesta quando o próprio Deus se dá a conhecer.

TEOLOGIA PASTORAL – DEFINIÇÃO E HISTÓRIA

“Para alguém que tenha fé, nenhuma explicação é necessária. Para aquele sem fé, nenhuma explicação é possível” – Tomás de Aquino.

Ao descortinar argumentos sobre Teologia Pastoral através de registros acadêmicos, o primeiro passo é perscrutar o aljube da definição de sua terminologia. Dispondo de inúmeras definições disponíveis que podem ser encontradas denotarei uma definição que se faz universalmente aceita.

No que se refere às incertezas elementares concernentes a definição sobre “Teologia Pastoral”, torna-se fecundo aludir duas concepções diferentes entre si e uma possível tensão entre Teologia Pastoral e Teologia Prática. A Teologia Pastoral vista sob o prisma *lato sensu* e a Teologia Prática interpretada *stricto sensu*, ou seja, como ciência a respeito das ações diretas da Igreja. Eis as possíveis propostas:

A Teologia Pastoral pode ser definida como *“reflexão teológica sobre o conjunto das atividades com as quais a Igreja se realiza com a finalidade de definir como essas atividades deveriam ser desenvolvidas, levando em consideração a natureza da Igreja, sua situação atual e a do mundo”* (SZENTMÁRTONI, p. 11).

Essa definição tem como procedência uma das principais atribuições da Igreja. O conflito está em abarcar de maneira muito ampla praticamente toda a Teologia da perspectiva da ação pastoral. Estudiosos e pesquisadores dessa temática, compreendem a Teologia Pastoral ao âmbito da racionalidade científica contemporânea, delimitado as ciências da ação. Por conseguinte, a Teologia Pastoral é entendida como sapiência teológica da ação. R. Spiazzi ao procurar uma expressão precisa para essa disciplina – Teologia Pastoral, conclui: *“A teologia pastoral é a ciência teológica da cooperação ministerial da Igreja com o plano divino da salvação”*.

Com pelo menos dois séculos de evolução histórica da teologia pastoral verificou-se como justificativa primeva três frentes, a saber:

- Seu caráter sob a perspectiva científica
- Seu inerente selo teológico
- Seu espírito eclesial

A partir dessas “problemáticas supracitadas” podemos definir Teologia Pastoral como uma sapiência teológica que observa o contexto concreto no qual a Igreja se constrói com suas próprias ações. Em decorrência disso o objeto material dessa teologia são as ações eclesiais que costumeiramente se divide em ministério profético, ou seja, proclamação da Palavra de Deus em todas suas frentes – evangelização, culto, estudos bíblicos, aconselhamento, grupos familiares (células), consagração, etc. A proposta categórica da Teologia Pastoral é a realização das tarefas da Igreja, condicionada pelo seu contexto que não diz respeito apenas à sua realidade exterior. Visa também um relevo teológico em parceria com outras ciências contemporâneas, tais como sociologia e psicologia.

A conclusão desse processo pode ser expressa como um padrão de realização no contexto de sociedade hodierna e como proposta a um futuro não tão distante, permitindo destarte uma reação ajustada da Igreja em relação ao mundo contemporâneo. O papel dos membros do povo de Deus por meio dos ministérios fundamentais é de suma importância para que a responsabilidade da Igreja como organismo organizado seja fecundo.

218

Definição etimológica da nomenclatura “TEOLOGIA”

“*Θεός*” – Deus + “*λογία*” ciência, estudo, tratado; é o estudo da existência de Deus, das questões referentes ao conhecimento da divindade, assim como de sua relação para com o mundo e com os homens. As expressões gregas “*theos*” significa *deus* como um termo usado no mundo antigo par nominar seres com poderes além da capacidade e “*logos*” como palavra que revela, ou por extensão, “*logia*”, que significa estudo.

Definição etimológica da nomenclatura “PASTOR”

Em grego, *ποιμην* que que significa “cuidar de alguém”, “supervisor do rebanho” (GINGRICH; DANKER, 1984, p. 172).

A expressão “*PASTOR*” vem do latim “*PASCERE*” e significa “aquele que guia as ovelhas”, ou “aquele que conduz as ovelhas ao pasto”.

A TEOLOGIA PASTORAL NOS ANAIS DA HISTÓRIA

A Teologia Pastoral como disciplina científica autônoma em universidades teológicas é relativamente de origem recente. Todo o desenvolvimento da Teologia Pastoral, sua história e compreensão passaram por pelo menos três diferentes ciclos. Vejamos:

- Primeiro ciclo – sua ênfase é o sentido prático e não teológico. Respeita-se o século XVIII como sendo o século em que surgiu a Teologia Pastoral. Até então a Teologia Pastoral era entendida como um mero “ensino para a profissão de pastores”. Com seu advento inicia-se a composição e publicação de livros sobre os correlatos do pastor em seu ministério tais como, os deveres e atividades ministeriais. Até aquele momento, entendia-se Teologia Pastoral como “Teologia Prática” a qual colocava em seu cerne a ética como sua força motriz e de forma secundária as Escrituras Sagradas e a prática, como se sabe tem por base o costume e a tradição. A Teologia Pastoral por sua vez, de tempos em tempos se reciclou adotando uma nova “indumentária” e atribuiu em seu durame o pastor como aquele que “cura as almas” através de meios e estratégias tais como o de professor de religião, como sacerdote e como pastor propriamente dito. Contudo, a Teologia Pastoral não foi concebida e tratada como uma ciência com referência à revelação, mas como uma doutrina racionalista de caráter empírico-utilitarista.
- Segundo ciclo – aqui seu realce é a orientação bíblico-teológica. Há um século e meio atrás, a Teologia Pastoral recebe um “timbre” de maior calibre tornando-se Teologia Pastoral propriamente dita. Ela é vista então como uma ciência com a qual a Igreja pode contar e que vai construindo a si mesma. Surge um problema pedagógico, a saber, como desenvolver a atividade pastoral em harmonia com os desafios da sociedade vigente? Pensadores e teólogos cristãos se empenham em fornecer um viés de solução para tais conflitos. Dentre tantos projetos teóricos que apareceram nesse ínterim, quero ressaltar o projeto de teoria e de sistemática do trabalho de cuidar das almas a partir da revelação positiva e da ação salvífica de Deus, de autoria de Johann Michael Sailer (1751 – 1832) teólogo alemão. Sua proposta era apresentar um novo modo de entender a atividade da Igreja. Para Sailer, a Teologia Pastoral não pode mais parecer um simples conjunto de

métodos didáticos e pedagógicos e de formação devido a simples influência de um homem sobre outro homem. A Igreja deve ter como objetivo primevo o serviço de mediação no ato salvífico que vem de Deus em favor de homem, ou seja, como uma mediação para a salvação. Nessa perspectiva, o pastor além de ser um promotor de uma vida humanamente serena, precisa se tornar em um colaborador ativo de Deus na salvação dos homens. O pastor não é tratado dessa forma como um funcionário, mas como um sacerdote com vocação própria.

- Terceiro ciclo – nesse ciclo o relevo principal é de cunho eclesiológico. Para nos contextualizar se faz necessário aludir a pessoa de Ferdinand Christian Baur (1792 – 1860) teólogo alemão fundador da escola de Tübingen de interpretação do Novo Testamento. Foi professor de história eclesiástica e doutrinária. Fazendo uso do filósofo alemão Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770 – 1831) Baur aplicou a filosofia hegeliana para interpretar o Novo Testamento. Dessa forma, Baur foi um dos primeiros defensores do estudo histórico ou científico da Bíblia. Com seus métodos e características inovadoras para a época, Baur desenvolveu uma escola de seguidores, principalmente em Tübingen sendo que após sua morte, o movimento se fragmentou bastante. Nesse terceiro ciclo a influência da escola de Tübingen é de destaque imprescindível. Sua proposta é de que o cerne da Teologia Pastoral não é o pastor, mas a Igreja. É através dela que o cristianismo edifica a si mesmo com vistas para o futuro.
- Quarto ciclo – sua ênfase é a reforma da mensagem cristã. Um de seus principais expoentes é Johann Baptist von Hirscher (1788 – 1865) teólogo alemão cujo qual foi o primeiro professor da escola de Tübingen da qual tratamos a pouco. Sua proposta é o Reino de Deus como critério para a pregação religiosa de modo que a tarefa fundamental da ação pastoral se torna o anúncio do Evangelho. Poeta, literato e crítico italiano de origem alemã, nascido em Atenas, Arturo Graf (1848 – 1913) faz quórum com Hirscher ao propor a seguinte definição sobre Teologia Pastoral: “A ciência das atividades divino-humanas realizadas pela Igreja por intermédio de pessoas por ela incumbidas de tal tarefa, de preferência pertencentes ao estado eclesiástico, para a edificação da mesma Igreja” – *Introdução a Teologia Pastoral, Szentmártoni, p. 15.*

Destarte a Teologia Pastoral é apresentada como uma ciência teológica que adquire necessariamente importante lugar na Igreja desde tempos remotos.

“O fim da Teologia Prática, é a vida da Igreja” – Paul Tillich

Portanto, percebemos que esses estudos mostram que certa diferenciação tem sido feita entre Teologia Prática e Teologia Pastoral. Muito embora semelhantes em alguns aspectos parece que se trata de dois campos distintos. A primeira segundo os dados mencionados a pouco, deve ser entendida como “ciência teológica própria” que tem como objeto a atividade da Igreja no mundo nesse tempo.

Destarte a Teologia Prática tem um discurso crítico e ao mesmo tempo construtivo sobre a ação cristã no mundo. Seu objetivo é contribuir para o aperfeiçoamento da tarefa cristã na sociedade real. A Teologia Prática não fica vinculada apenas as atividades pastorais ou ainda necessidades internas da Igreja. Ela vai além e cruza as fronteiras do mundo interior da Igreja. Seu foco principal é servir ao ser humano, ao indivíduo que forma essa sociedade independentemente de suas convicções religiosas, ideológicas ou ainda políticas. Ela é no mundo e para o mundo. No que se refere à última, a Teologia Pastoral, se reporta ao exercício prático do ministério pastoral, ou seja, a realização das atividades internas eclesiais. Ela é mais restrita, mais técnica e, portanto do ponto de vista teórico torna-se mais limitada. A Teologia Pastoral se detém a prática eclesial teórica ofertando dessa maneira critérios para uma atividade corretiva. Ela zela pela aplicação dos ensinamentos teológicos e a vida do indivíduo no dia a dia, orientando-o a permanecer no caminho que somente a Palavra de Deus o conduz, pois esse caminho é seguro e nele não há escuridão.

221

CONJECTURAS DA TEOLOGIA PASTORAL – CONCEPÇÃO BÍBLICA DO MINISTÉRIO PASTORAL

Conjectura é uma expressão latina e significa “um juízo ou opinião com fundamentação incerta ou uma dedução de um acontecimento que poderá vir a ser em um futuro próximo”.

A Teologia Pastoral tem centenas de milhares de definições e conseqüentemente conceitos teóricos científicos que em tantos momentos conflitam entre si, concordam entre si, enfim, é parte de uma assembleia de informações disponíveis em nosso arsenal de referências. Quero compartilhar com você, prezado leitor, sobre as conjecturas da Teologia do Ministério Pastoral da perspectiva das Escrituras Sagradas.

O chamamento ao ministério pastoral envolve uma interface elementar, a saber: a soberania de Deus e a inaptidão do homem. A primeira área dessa interface diz respeito à

determinação de Deus ao homem através da Graça em Cristo Jesus; a segunda área refere-se à falta de habilidade desse mesmo homem em exercer o ministério.

O chamamento de Deus ao ministério pastoral é externo. A responsabilidade da resposta depende do homem. É sabido por intermédio da história que Deus age através de pessoas. Ele nomeia homens e mulheres para que sejam embaixadores de Sua parte, portanto o chamamento à obra do ministério é externo ao homem e procedente de Deus. Há, porém o outro lado de complexo de ordem espiritual que quero intitular de “interno”. O chamamento da parte de Deus ao homem também é interno. Deus não age sem propósito. Ele conclama homens e mulheres cujos quais possuem capacidade potencializada para concatenar de maneira positiva com a sociedade através da linguagem convidando a todos a afunilar seu relacionamento com esse Deus que o tem chamado. Peço a você caro leitor (res), vênha teológica para citar e aplicar em nosso contexto que está escrito em Atos 8.26 – 30: “E o anjo do Senhor falou a Filipe, dizendo: levanta-te, e vai para o lado do sul, ao caminho que desce de Jerusalém para Gaza que está deserta. E levantou-se e foi e eis que um homem etíope, eunuco, mordomo-mor de Candace, rainha dos etíopes, o qual era superintendente de todos os seus tesouros e tinha ido a Jerusalém para adoração; regressava e assentando no seu carro, lia o profeta Isaías. E disse o Espírito a Filipe: chega-te e ajunta-te a esse carro. E correndo Filipe, ouviu que lia o profeta Isaías e disse: Entendes tu o que lês?” – *Bíblia Sagrada, Revista e Atualizada*.

222

Quero registrar aqui meu entendimento de uma perspectiva acadêmica teológica sobre o chamamento de Deus para Seus vocacionados. *Aqueles que são alistados por Deus tornam-se movidos em Seu caminho e em Seu tempo e vão para o lugar onde Ele determinar. Isso ocorre não em razão da imaginação humana ou por vontade própria, mas porque o próprio Deus os “constrangeu” a isso* – Prof. Emerson.

Portanto, o chamamento de Deus não é de escolha individual ou pessoal, e não deve exercer influência como um cabedal de emprego, mas o chamamento de Deus é irresistível para servi-Lo e para Sua própria Glória. Atribui certo axioma pastoral vinculado ao chamamento específico de Deus ao homem, cujo qual quero deixar aqui registrado: *“Deus não chamou homens extraordinários para um trabalho comum, mas homens comuns para um trabalho extraordinário”* – autor desconhecido.

Charles Haddon Spurgeon (1834 – 1892) pregador reformado britânico, considerado o “príncipe dos pregadores”, extremamente célebre por seus sermões impactantes fez muito uso de frases aleatórias, entretanto pertinentes a muitas frentes do ministério. Entre elas, Spurgeon disse: *“Homens que ousam declarar-se embaixadores de Cristo precisam compreender mais*

profundamente que o Senhor lhes entregou a palavra da reconciliação” – 2 Coríntios 5.18,19. E ainda: “É preferível o pregador viver em dúvida para se auto examinar do que ser um empecilho no ministério” – projetosurgeon.com.br.

O aprendizado que se tem sobre os argumentos sobreditos é que de fato, o homem que recebe um chamamento de Deus para o ministério pastoral, precisa amar essa responsabilidade como de fato uma vocação porque se isso não for dessa forma, logo esse homem render-se-á e desistirá de sua missão. O grande conflito existencial para aqueles que se encontram apáticos no exercício ministerial é o “peso” de ter que seguir adiante, mesmo descontente sabendo que o que lhe espera a cada amanhecer é o enfado e fastio.

No entanto, o homem motivado e que ama essa vocação, será intrépido e se deixará por vezes se gastar por amor as almas que o Deus do seu chamamento lhe tem confiado. O chamado ao ministério pastoral a priori, é um compromisso de amor, de cuidado e de serviço. Aliás, a nomenclatura “ministério” significa “execução de uma tarefa, cargo, função”, portanto aquele que atende ao chamamento de Deus ao ministério está a serviço do reino desse Deus. Disposição, dedicação, empenho são características que precisam revestir o homem que possui um chamado ao ministério pastoral.

223

Russell Philip Shedd (1929), conceituado teólogo e missionário cristão, de quem fui aluno no final da década de 1990 em minha Faculdade de Teologia em São Paulo/SP, em suas muitas pesquisas sobre o papel do ministro de Deus faz menção a uma em especial. Na conclusão de um de seus trabalhos no *Fuller Theological Seminary* nos EUA, Shedd relata algo de extrema importância para o ministro de Deus em tempos de hipermodernidade – “*Os líderes eficientes mantêm uma postura de alunos durante a vida inteira. Nunca param de estudar; leem livros que aumentam o seu conhecimento e ampliam seus horizontes. Assistem cursos para crescer e melhorar suas aptidões ministeriais; eles tem uma perspectiva vitalícia de ministério. Pretendem continuar a ministrar enquanto puderem. Amam o que fazem e nunca escolheriam para de ministrar; encaram o ministério como um privilégio*” – Russell P. Shedd, citando sua última pesquisa no *Fuller Theological Seminary*.

O COMPROMISSO COM O CHAMADO E A IDENTIDADE PASTORAL

Em tempos hipermodernos, reproduzindo Gilles Lipovetsky (filósofo francês e teórico da hipermodernidade) ou ainda a era da vida líquida através de Zygmunt Bauman (filósofo e sociólogo polonês) há uma crise aguda de compromisso e de identidade que permeia a

sociedade ulterior. O grande problema é que por vezes, essa crise acaba influenciando aqueles que possuem um chamado de Deus para um propósito específico em Seu reino. O conceito de “*compromisso*” – vem do latim, *compromissum* – e aponta para *uma obrigação contraída, um cumprimento de princípio de responsabilidade recebida; uma estipulação contida num contrato através da qual as partes acordam submeter à arbitragem as divergências que derivem do cumprimento do respectivo contrato ou testamento.*

Dessa maneira, concluímos que Deus já firmou um compromisso com o ser humano através a morte expiatória de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, portanto cabe a cada um corresponder essa aliança com o pronto atendimento, tendo convicção da prerrogativa que nos cerca oriunda de um Amor que nos atrai e que nos constrange.

Se o compromisso daquele que recebe um chamamento de Deus corre perigo em meio ao contexto “líquido hipermoderno”, a identidade ministerial também sofre ameaça. O conceito de “*identidade*” – vem do latim *identitas* – assinala características e traços próprios de um indivíduo ou de uma comunidade. Identidade também registra a consciência de si mesmo, de algo próprio, de uma realidade interior que pode ficar oculta atrás de atitudes e comportamentos que na realidade não são próprios da pessoa.

Infelizmente o que se vê é uma crise de compromisso e identidade no chamado pastoral. Não há como negar a influência da sociedade ulterior hipermoderna e de todo esse “*tsunami midiático irrefreado*” que deixa muito elementos perdidos no ministério teológico pastoral. Há uma crise de norte, de direção e de referencial. Precisamos compreender que a teologia pastoral em sua prevalência é um campo um tanto quanto turvo, ou seja, seu significado e correlatos variam dilatadamente de acordo com as mais diversas denominações e/ou seminários e faculdade teológicas. A esfera que envolve o cuidado pastoral e seus elementos triviais que compõe todo esse processo de molde no que se refere ao caráter do aspirante ao ministério e ao pastor em plena atividade parecem opacos em seu núcleo principal. O interessante de todo esse imbróglio é que todas as frentes que estão envolvidas no processo fazem uso de materiais e argumentos que têm pilares bíblicos respaldados pela filosofia moderna, psicologia e sociologia que entram como elementos corroborativos das respectivas teorias.

A Teologia Pastoral hipermoderna deve ser simples, sem muitos modismos para evitar pandemônios vindouros. Deve ser o tradicional “arroz com feijão”. Explico:

Com o advento da tecnologia e sua velocidade intensa a “necessidade” de modernizar para não “perder campo” muitas vezes acaba evidenciando uma confusão em torno do pastor e

da igreja. Fora das Escrituras Sagradas, não há como entender o ofício do pastor e o papel da Igreja. As Escrituras Sagradas não precisam de “recheios” ou “coberturas” para se tornarem mais “apetitosas”. Elas são a Palavra de Deus, e por si só, se tornam o alimento que todo o ser humano precisa para sua vida. A Bíblia fornece o pilar principal para a clareza das funções e obrigações pastorais. Algo que a Bíblia não deseja, é ser consultada como complemento para verborragias sociais. A Bíblia não é uma *azeitona em uma empada, que serve para dar um pequeno gosto*. Ela não contém a Palavra de Deus, mas É a Palavra de Deus. Tudo que o aspirante ao ministério e o pastor em exercício precisa estar na Bíblia Sagrada, Palavra de Deus para si e para os demais.

A Teologia Pastoral se alimenta das Escrituras Sagradas. Vasculhando a história percebemos que a tradição pastoral fazendo uso das Escrituras encontravam nela, e somente nela, princípios que moldavam a compreensão e entendimento na prática e na vida ministerial. A Bíblia perscruta as concepções precípuas do ministério e as colocam em prova e é assim que deve ser de fato. Não se pode submeter à Bíblia e sua mensagem ministerial ao exame impróprio, ligado ao contexto líquido e hipermoderno. O fruto disso seguramente será a heresia.

É fato que a complexidade dos dias atuais é desafiante. Na política, na economia, nas instituições espera-se daqueles que estão debaixo de holofotes sejam íntegros e honestos. No meio eclesiástico parece que o desafio é o mesmo (não deveria ser). A diferença daquele para este, é que os que estão naquele meio sempre conseguem um “jeitinho” de escapar da prestação de contas, mas os que estão neste meio (pastores, líderes cristãos, párocos) precisam acertar contas sobre seus atos àquele que os vocacionou e os equipou para o Seu nobre ofício – a Teologia do Ministério Pastoral. Em um contexto cada vez mais secularizado em que muitos confundem a atividade pastoral com um “cabedal de emprego”, ou porque gera “status” e/ou concede um “título” a frente do seu nome próprio, acredito que “veste” bem a palavra do apóstolo Paulo a seu discípulo Timóteo, em sua segunda carta, no capítulo 4, no final do versículo 5, a saber: “... *cumpre teu ministério*”.

O CARÁTER E A VOCAÇÃO PASTORAL

“Uma virtude simulada é uma impiedade duplicada; a malícia une-se a falsidade”.

Santo Agostinho

A expressão “caráter” foi empregada por alguns pensadores ao longo da história da filosofia, antropologia e teologia e pode ser aqui definida nos seguintes termos: procede do grego “*charakter*” e significa literalmente “estampa”, “impressão”, “gravação”, “sinal”, “marca” ou “reprodução exata”. O vocábulo português encontra-se na – ARA – Almeida Revista e Atualizada, nos seguintes textos: Mateus 10.41 e Filipenses 2.22. Porém não traduz o original “*charakter*”, mas outra expressão grega, a saber, “*onoma*” – nome, em Mateus e “*dokime*” – qualidade de ser aprovado, em Filipenses. A ARC – Almeida Revista e Corrigida traz uma perícopa de Mateus por qualidade de “profeta” e de “justo”. A NVI – Nova Versão Internacional, traduz por “porque Ele é profeta” e “porque Ele é justo”.

Do ponto de vista teológico, “caráter” significa “natureza básica do ser humano que o torna responsável por seus atos tanto diante de Deus como diante de seus semelhantes. O caráter moral tem como ressonância elementar a consciência que como a voz secreta que temos na alma aprova ou reprovava nossas ações. O seu padrão infalível é a Palavra de Deus”.

Da perspectiva filosófica, “caráter” significa “conjunto das disposições psicológicas (inatas e adquiridas) e dos comportamentos habituais de um indivíduo permitindo-lhe ter um controle sobre si e agir com firmeza, retidão e honestidade”.

Não há contradição alguma nas traduções “*charakter*” e “*onoma*”. No NT, “*onoma*” é traduzida por “pessoas” (Ap. 3.4), por “reputação” (Mc 7.14) e possivelmente “caráter” (Mt 6.9). A nomenclatura “*onoma*” no contexto hebreu corresponde “as qualidades de uma pessoa”. Sua tradução, portanto, refere-se à natureza ou categoria do trabalho realizado pelo discípulo de Cristo e não necessariamente como uma virtude moral. Já a expressão grega “*dokime*” (traduzida por caráter, experiência ou ainda aprovado) possui o mesmo sentido de “testado e aprovado”. Nesse sentido, o termo valida a qualidade moral e a experiência dos personagens envolvidos em todo esse processo.

Após essas breves linhas, podemos concluir sob a perspectiva epistemológica que “caráter” é a marca pessoal de um indivíduo. É um sinal que distingue dos outros e pela qual o indivíduo define o seu estilo, a sua maneira de ser, de sentir e reagir. É possível definir também focando um conjunto de qualidades boas ou más de uma pessoa que determina sua conduta em relação a Deus, a si mesmo e ao próximo. O caráter, por conseguinte, não apenas define quem o homem é, mas também descreve seu estado moral.

O CARÁTER ELUCIDA A MARCA DO NOSSO MINISTÉRIO (1 Timóteo 3.1 – 7 e Tito 1.6 – 9)

Escrevendo a seus discípulos, o apóstolo Paulo expõe alguns traços do caráter do pastor, tais como, irrepreensível, temperante, marido de uma só mulher, sóbrio, hospitaleiro, não violento, modesto, que despreza as contendas, íntegro e ainda em Tito, ele acrescenta não arrogante, não irascível, não cobiçoso, piedoso, amigo do bem, que tenha autocontrole, e apegado à palavra fiel.

Temos vivido em um contexto caótico, num mundo em que “...*jaz no maligno...*” – (1 João 5.19), alienado, egoísta, consumista e arrogante, que corre desesperadamente atrás de prazeres ilimitados, perversos, praticantes do mal e narcisistas. O contraste desse mundo que vivemos é ter e praticar as qualidades as quais o apóstolo sugere aos seus discípulos *Timóteo* e *Tito*.

A formação do caráter de Cristo na vida de Seu ministro faz parte de um processo que envolve disciplina, submissão, renúncia, dor, desapego, dependência do Senhor, etc. O próprio apóstolo frisou à igreja da Galácia seus sentimentos e emoções, sua reação e desejo para com os gálatas quando disse “... *por quem de novo sinto dores de parto, até que Cristo seja formado em vós*” – Gálatas 4.19. O grande desafio para o pastor nesse tempo em que se caracteriza pela falta de caráter é não se deixar “poluir” pelos fenômenos hodiernos. O principal conceito do pastor bíblico deriva de suas características morais e espirituais. Um caráter íntegro para quem aspira e para quem já está em pleno exercício pastoral deve ser a força motriz de todo seu ministério. Sua influência, títulos acadêmicos, gestão, oratória e afins, deve ser secundário ao ministro de Deus. Ainda na esteira do conceito pastoral, suas qualificações devem se concentrar no comportamento de alguém que insiste na sabedoria que vem do alto, divina. Aos que aspiram ao ministério pastoral, necessário é serem provados no que diz respeito à sua trajetória espiritual (1 Timóteo 3.10) e assim se evidenciará o padrão firme, fiel, reto, honesto e puro.

Quando percorremos as Escrituras Sagradas encontramos personagens cujos quais fizeram história em seu tempo e tornaram-se paradigmas para nossos dias do ponto de vista ministerial. O chamamento de Deus para o indivíduo deve leva-lo a se gastar por Sua obra e missão e em se tratando ainda de obra e missão, devem ser elas realizadas exclusivamente para Deus e pela salvação do Seu povo e nunca visando algum benefício próprio.

A despeito disso, quero listar personagens registrados nas Escrituras Sagradas e suas qualidades que estão em relevo e que servem para inspirar os pastores da atualidade.

Enoque – Gênesis 5.24 – o caráter do ministro de Deus considera a intimidade com o Senhor. Antes de o pastor falar em nome de Deus ao povo, ele precisa falar com Deus sobre si sem ocultar absolutamente nada para que o próprio Deus possa usá-lo como e quando quiser. Enoque foi íntimo de Deus.

Abraão – Gênesis 15.6 – o caráter do ministro de Deus considera a crer no Senhor. Abraão em todo o processo que envolveu sua trajetória decidiu crer em Deus. Ele não sabia como as coisas aconteceriam, mas sabia que eram possíveis porque exercitou sua fé e isto foi lhe atribuído por justiça da parte de Deus, ou seja, era justo que Deus lhe abençoasse. Reproduzindo Lutero: *“A única fé que salva é a daquele que se atira em Deus, para viver ou morrer”*.

Jacó (Israel) – Gênesis 32.24,25 – o caráter do ministro de Deus considera a persistência. Tomo o exemplo de Jacó. Seria redundante fazer menção de qualquer outro aspecto sobre a vida de Jacó, portanto me limito a enfatizar sua persistência para receber o que tanto queria. Reproduzindo nosso Mestre Jesus: *“Ninguém que lança a mão no arado e olha para trás é apto para o reino de Deus”* – Lucas 9.62.

José – Gênesis 39.8,9 – o caráter do ministro de Deus considera a pureza e a fidelidade. O exemplo que José deixa para os ministros de Deus adota uma certeza que é possível se esquivar do mal, da sensualidade e demonstrar pureza e fidelidade acerca do que Deus coloca em suas mãos. Enquanto o mundo apela para uma vida desregrada e libertina, o ministro de Deus deve manter-se íntegro com o “coração” puro e “mãos” limpas.

Davi – 1 Samuel 17.48 – 51 – o caráter do ministro de Deus considera a confiança no Senhor. Davi balizou seu encontro com o gigante Golias em total dependência e convicção em Deus. Confiança é resultado de fé. O ministro de Deus não confia para receber algo do Senhor, mas para honrá-Lo.

Elias – 1 Reis 18.22 – 39 – o caráter do ministro de Deus considera a coragem no Senhor. O profeta Elias demonstra extrema coragem quando prega contra a casa de Acabe rei de Israel enfrentando os 450 profetas de Jezabel, esposa de Acabe. Nos dias de hoje, o ministro de Deus, não deve por hipótese alguma ser conivente com o pecado. Ele deve avançar e combater o pecado e toda a forma de erro. É interessante pautar nesse raciocínio o número de cristãos nas denominações que ocupam cargos de liderança e que vivem uma vida promíscua e em desarmonia com a plena vontade de Deus. Se questionados os pastores e demais líderes das denominações mencionadas anteriormente, os mesmos dirão que não podem repreendê-los porque senão eles se afastam, a denominação perde um membro e sua contribuição física e

econômica. É lamentável! Não é a receita de Elias! Elias viveu com Deus e via o pecado da nação sob o prisma do próprio Deus. Elias reprovava o “jeitinho” e/ou a protelação. Ele repreendeu o pecado do modo como Deus repreenderia.

Isaías – Isaías 6.5 – o caráter do ministro de Deus considera sua “impureza” diante da visão da santidade de Deus. Estar na presença do Senhor é se despojar de si mesmo, se esvaziar de si mesmo para obter através da graça em Cristo o favor de Deus. Há um conflito dentro de nós à guisa de nós mesmos; achamos que somos de um jeito, outros pensam que somos de um jeito, mas só Deus sabe o que somos de fato. Portanto, reconhecer a carência e limitação e recorrer a Deus com humildade é o melhor “remédio”.

Jeremias – Lamentação 3.49 – o caráter do ministro de Deus considera o “exílio” a negociar os princípios de Deus. Foi assim com o profeta Jeremias que negou se corromper com o pecado de Israel e trouxe consigo muita angústia em seu coração no desempenho do ministério profético.

João Batista – Mateus 3.1 – 12 – o caráter do ministro de Deus considera uma mensagem de imersão total. A mensagem de João Batista não era uma mensagem de arrependimento parcial. Sua mensagem exigia totalidade, conversão e compromisso. Ele assinalou Jesus e preparou Seu caminho. Ele não negociou princípios cristãos. Ele não desejava a popularidade. Ele só queria cumprir o propósito de Deus.

Paulo – Filipenses 3.5 – 9 – o caráter do ministro de Deus considera a renúncia pelo Senhor. Na qualidade de Saulo, seguia uma religião, mas como Paulo, seguiu a Jesus. O apóstolo Paulo demonstrou através de documentos escritos e principalmente na prática o quanto sofreu por Cristo. Ele pagou o preço da renúncia, do compromisso, da paixão pela obra e pelo sacrifício de Jesus na cruz. Ah...como precisamos de mais apóstolos como foi Paulo em nossos dias!

JESUS – o caráter do ministro de Deus considera ser como JESUS! O Senhor Jesus Cristo decidiu fazer a vontade do Pai ao invés da Sua. Foi manso, humilde, pastor, mestre, evangelista, profeta, sacerdote, etc. Ele ensinou a amar os inimigos, abençoar os que amaldiçoam, a perdoar aqueles que ofendem, a andar a segunda milha com aqueles que precisam, a sofrer sem reclamar, a não se defender a orar pelos inimigos, enfim, Jesus andou na contra mão do mundo. Ele se entregou na cruz, ressuscitou no poder de Deus e hoje está assentado à direita do trono de Deus e age como advogado daqueles que creem Nele e O buscam de todo o coração.

Essa lista oferece referenciais, paradigmas e exemplos de homens que tiveram um caráter polido, marca pessoal, um sinal que os distinguiu de tantos outros e definiu o estilo de vida e de chamado que receberam do Senhor. Foi a maneira que eles encontraram para se manifestarem no mundo, de sentirem a vocação e de reagirem aos desafios encontrados na trilha ministerial.

Partamos por fim para a abordagem da “Vocação Pastoral”. É o que veremos a seguir.

8.1 O que é “vocação”?

O termo “vocação” se origina no verbo grego “καλεο” (*kaleo*) e suas variações, o substantivo “κλῆσις” (*klêsis*) e o adjetivo “κλετοζ” (*kletós*). O verbo grego “*kaleo*” significa eu chamo, nomeio, convoco, como por exemplo, em efésios 4.1: “*Rogo-vos, pois, eu, o prisioneiro no Senhor, que andeis de modo digno da vocação a que fostes chamados*”. Por seu turno, o substantivo grego “*klêsis*”, significa convite, vocação, chamado, como por exemplo, em 1 Coríntios 1.26: “*Porque, vede irmãos, a vossa vocação, que não são muitos os sábios segundo a carne, nem muitos os poderosos, nem muitos os nobres que são chamados*”. E por fim, o adjetivo grego “*kletós*” significa chamado ou convocado, como por exemplo, em Romanos 1.6: “*Entre as quais sois também vós chamados para serdes de Jesus Cristo*”.

230

Quando usados, esses termos “quase sempre” assinalam procedência da parte de Deus no que se refere à vocação.

Em latim, “vocação” vem do verbo latino “*vocatione*” “*vocare*”, e significa “chamamento”.

A nomenclatura “vocação” está sempre ligada ao ato de chamar, de escolher e de disposição para uma função que se tem de obrigação de desempenhar. O chamamento do Senhor Jesus ao ser humano é para que o mesmo venha segui-lo na própria situação em que se encontra. Apesar disso Jesus vocaciona a homens e mulheres a viver uma vida reta e santa. É através do batismo (um dos sacramentos da Igreja) que o indivíduo é vocacionado a viver uma vida em união com Cristo e Sua Igreja, inserido dessa maneira na comunidade cristã.

Através da história verificamos que todos aqueles que se sentiram “vocacionados” ao ministério, verbalizaram que a priori, sentiram um “desejo interior”, cujo qual o impulsionou para aceitar o desafio ou o chamamento da parte de Deus. Não obstante há uma entrega por parte do “vocacionado” de tal forma que renúncia e pré-disposição doravante são quase que estigmas dessa “convocação”. Interessante observar, estimado (s) leitor (res) s, que o envolvimento da expressão “vocação” ultrapassa as fronteiras da pós-modernidade chegando

ao domínio da hipermodernidade, contudo seu acatamento para os “vacionados” são atemporais.

O termo “vocação” se referia, segundo a linguística, exclusivamente a uma observância de uma vida sacerdotal e religiosa. Nessa concepção, pode-se afirmar que vocação significa um “chamamento divino a um estilo de vida que permita dedicação restrita a Deus”.

OBEDENCENDO A VOCAÇÃO

A obediência ao chamamento vocacional é o núcleo primevo para o ministro de Deus cumprir essa dádiva. Com tua autorização, quero recorrer uma vez mais a Spurgeon nesse aspecto. Consideremos suas palavras: *“Se vocês não sentem o calor sagrado, rogo-lhe que voltem para casa e sirvam a Deus em suas respectivas esferas. Mas se, com certeza, as brasas de zimbros chamejam por dentro, não as apaguem”* – *escolacharlesspurgeon.com.br*.

O chamamento para o ministério não deve disputar lugar ou espaço com mais nada na vida do vacionado. Caro leitor (res) me permita lançar uma questão reflexiva: existe algo que esteja concorrendo com tua vocação ministerial? Há tantas pessoas que se sentem convocadas para o ministério e acabam procrastinando o “*feedback*” ao Senhor, porque simplesmente permitem que outros valores “disputem” espaço com o chamado de Deus. Isso leva a dúvida e ao desânimo.

“Cada um na vocação em que foi chamado, nela permaneça” – *Vulgata*.

Quero concluir chamando sua atenção para uma feição de extrema importância dentro da vocação ministerial: **AS DIFICULDADES**.

É fato que o ministério pastoral (entenda “pastoral” como funções abrangentes do ministério), requer muito esforço e dedicação. Se porventura alguém pensa ser fácil, está completamente mal informado a respeito da vocação ministerial. Como citado anteriormente, não basta retórica, títulos, treinamentos corporativos e outras capacitações de ordem técnica (indubitavelmente esses e outros elementos precisam ser almejados e alcançados pelo ministro de Deus) sem a presença do Espírito Santo de Deus na vida do vacionado. Somente a formação técnica leva ao antropocentrismo, mas a formação técnica com a presença intensa do Espírito Santo leva ao cristocentrismo.

Quero lembra-los que a vocação não é resultado da própria vontade do indivíduo, mas de Deus que o alistou para Seu “exército”. É uma escolha de Deus para a vida do vacionado e não interessa nesse caso se é cidade de grande ou pequeno porte, ou ainda o “ofício” que o

vocacionado ocupa dentro de uma denominação; é Deus quem lançou Seu olhar sobre o indivíduo para que o mesmo cumpra Seu propósito e por consequência é um privilégio servi-Lo em Sua obra.

Termino esse conteúdo com duas citações as quais são bem proveitosas dentro de nossa temática.

“Um chamado divino e inigualável, concedido a homens eleitos por Deus para serem ministros de Sua Palavra e servos de Sua Igreja” – *John Fullerton MacArthur, escritor cristão estadunidense.*

“Aquele que tem uma profissão tem um bem; aquele que tem uma vocação tem um cargo e proveito e honra” – *Benjamim Franklin, jornalista e escritor estadunidense.*

REFERÊNCIAS

ANDRADE, C. C. de. **Dicionário teológico.** Rio de Janeiro: CPAD, 1996.

BOFF, L. **Eclesiogênese: a reinvenção da Igreja.** Rio de Janeiro: Record, 2008.

CARRIKER, C. T. (org.). **Missões e a Igreja brasileira: perspectivas teológicas.** São Paulo: Mundo Cristão, 1993. v. 3.

COVEY, S. R. **Os 7 hábitos das pessoas altamente eficazes.** Tradução: Alberto Cabral Fusaro; Márcia do Carmo Felismino Fusaro; Cláudia Gerpe Fusaro. Consultoria: Teresa Campos Salles. 36. ed. Rio de Janeiro: Best Seller, 2009.

DOUGLAS, J. D. **O novo dicionário da bíblia.** 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 1995.

FINNEY, Charles G. **Uma vida cheia do espírito.** [S.l.]: Betânia, 2014. Disponível em: http://www.reavivamentos.com/pt/livros/finney/vida_cheia_do_espirito.html. Acesso em: 10 out. 2022

FREITAS, H. G. de. Pastor espetacular: a imagem do pastor na sociedade midiática. **Discernindo – revista teológica discente da metodista**, [S. l.], v. 2, n. 2, p. 225-236, jan./dez. 2014. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/discernindo/article/viewFile/4756/4041>. Acesso em: 10 out. 2022.

GINGRICH, F. W.; DANKER, F. W. **Léxico do N.T:** Grego/Português. São Paulo: Vida Nova, 1984.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S.; FRANCO, F. M. M. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia, 2001.

HUNTER, J. C. **Como se tornar um líder servidor.** 2. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2006.

HYBELS, B. **Liderança corajosa**. São Paulo: Vida, 2002.

JAPIASSU, H.; MARCONDES, D. **Dicionário básico de Filosofia**. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

MAXWELL, J. C. **O livro de ouro da liderança**. 2. ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2011.

MICHAELIS: moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998. 2259 p.

REISINGER, E. O que pensamos sobre calvinismo e evangelismo. **Fiel Ministro**. [S. l.], 24 abr. 2006. Disponível em: http://www.ministeriofiel.com.br/artigos/detalhes/137/O_que_pensamos_sobre_Calvinismo_e_Evangelismo. Acesso em: 10 out. 2022.

SANTOS, A. Pastores de si mesmos. **Ultimato online**: palavra do leitor. São Paulo, 11 fev. 2010. Disponível em: <http://www.ultimato.com.br/comunidade-conteudo/pastores-de-si-mesmos>. Acesso em: 10 out. 2022.

SILVEIRA, J. R. Pastores em crise: os efeitos da secularização e do neopentecostalismo sobre o cleroprotestante. **Âncora: revista digital de estudos em religião**, v. 1, n. 1, p. 106-127, maio 2006. Disponível em: http://www.revistaancora.com.br/revista_1/04.pdf. Acesso em: 10 out. 2022.

233

SZENTMÁRTONI, Mihaly. **Introdução à Teologia Pastoral**. São Paulo: Loyola, 1999.

TEOLOGA BRASILEIRA. São Paulo: Edições Vida Nova, [2022]. Disponível em: <http://www.teologiabrasileira.com.br/teologiadet.asp?codigo=282>. Acesso em: 10 out. 2022.